

MEMÓRIAS DO BASQUETEBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE (RS)

Tatiana Teixeira Silveira
Viviane Teixeira Silveira
Mateus Trevisan França

RESUMO

Esse artigo é resultado de uma pesquisa que visa fazer um resgate das memórias do basquetebol na cidade do Rio Grande/RS e contribuir com a conservação/reconstrução das manifestações histórico-culturais para a memória esportiva da cidade. A pesquisa utilizou-se de jornais da época, fotografias e depoimentos orais de ex-jogadores que vivenciaram o auge do esporte na cidade (1965-1975), bem como, dos pressupostos teórico-metodológicos da memória e os estudos históricos de Michel Foucault. O basquetebol, revelado pela sua historicidade acumulada e pela informalidade do discurso, mostra o feixe de possibilidades acerca desse tema e sua relevância na história esportiva da cidade.

Palavras-chaves: memória, basquetebol, cidade do Rio Grande.

ABSTRACT

This article is a result of research that seeks to rescue the memories of a basketball in the city of Rio Grande/RS, and contribute to the conservation / reconstruction of historical and cultural events to the memory of the sports city. The research was used to newspapers of the time, photographs and oral testimonies of former players who experienced the pinnacle of the sport in the city (1965-1975), and the theoretical and methodological assumptions of memory and historical studies of Michel Foucault. The basketball, revealed by its informality and the accumulated history of discourse, shows the bundle of possibilities on this subject and its relevance in the sports history of the city.

Keywords: memory, basketball, Rio Grande.

RESUMEN

Este artículo es el resultado de la investigación que busca rescatar la memoria de una pelota de baloncesto en la ciudad de Rio Grande/RS, y contribuir a la conservación y reconstrucción de los acontecimientos históricos y culturales a la memoria de la ciudad deportiva. La investigación se utilizó para los periódicos de la época, fotografías y testimonios orales de los ex jugadores que experimentaron la cima del deporte en la ciudad (1965-1975), y los supuestos teóricos y metodológicos de la memoria histórica y los estudios de Michel Foucault. El baloncesto, reveló por su informalidad y el acumulado histórico de discurso, muestra el conjunto de posibilidades en esta materia y su relevancia en la historia deportiva de la ciudad.

Palabras clave: memoria, baloncesto, Rio Grande.

Introdução

Uma das principais justificativas dessa pesquisa dá-se por Rio Grande se tratar da cidade mais antiga do estado (RS), e apresentar traços culturais fortíssimos de clubes esportivos antigos que, por via de fatos e conquistas, traçaram uma história esportiva-cultural muito forte. Na atualidade esta história está relegada a um segundo plano pela população e pelas instituições responsáveis pela implementação de políticas esportivas. Assim, as memórias que por ali passaram, vão sendo deixadas para trás, perdendo-se com o tempo.

Dar um retorno a comunidade rio grandina por meio desse estudo, escrever uma história “vista de baixo” pelas pessoas que viveram e construíram um momento histórico numa cidade do interior do Brasil e, que por vezes, deixa de ter validade por não se tratar da “história de verdade”¹ definem a importância desse estudo para diversas áreas do conhecimento acadêmico, como a História, a Educação Física, a Política Pública, a Educação, entre outras.

Não pretendemos descobrir a verdade oficial, e sim fazer uma outra história a partir dos depoimentos coletados e cruzamentos com dados oficiais da história escrita. Pensamos em descrever os caminhos percorridos pelo basquetebol na cidade e a importância deste para a construção da memória do coletivo² de pessoas que viveram o esporte enquanto fenômeno social local, estadual e nacional. Nesse trabalho o enfoque será dado às pessoas que efetivamente praticaram o esporte – os atletas.

Também buscamos apontar formas pelas quais as subjetividades³ dos atores atravessados por esta história constituíram-se, ou seja, como se processam as memórias e lembranças individuais de acontecimentos que influenciaram direta e indiretamente a difusão, conquistas e, conseqüentemente, o atual desaparecimento dessa prática na cidade, através desses depoimentos e dos fatos descritos em documentos oficiais da época. Desta forma, buscamos mapear as memórias do basquetebol na cidade num dado período histórico.

Rio Grande não se desvincula de um processo gradual de mudanças, principalmente quando falamos de produção e atividades no tempo disponível. Essa mudança está diretamente vinculada ao quadro de industrialização presente na cidade entre o fim do século XIX e início do século XX.

O esporte começa sendo praticado pela classe empregadora dentro dos clubes, podendo apontar o Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G) como um dos pioneiros nesse sentido. Cabendo aos sindicatos e clubes de trabalhadores a proliferação das práticas para o restante da cidade.

Desta forma, questionamentos surgem quando pensamos no quadro atual do esporte na cidade: como e quanto aparece nos discursos de habitantes mais antigos a história de um basquetebol de sucesso e conquistas? Em que momento essa lembrança

¹ Entende-se por “história de verdade” os fatos históricos oficiais que por si só caracterizaram uma época de vitórias e conquistas desse esporte na cidade, no entanto vale ressaltar a importância da oralidade em descrever e resgatar fatos que permearam essas conquistas, que definem e demarcam uma época produtiva em relação a atualidade esportiva da cidade.

² Para mais, ver: HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

³ A subjetividade é entendida nesse estudo sob a perspectiva de sua produção, seja ela produzida por instâncias individuais, coletivas e/ou institucionais. Entendida também como plural na medida em que se constitui pelas reivindicações de uma singularidade subjetiva. Como bem define Guattari (1993, p.17): “o conjunto das condições que tornam possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, na adjacência ou na relação de delimitação com uma alteridade em si mesma subjetiva”.

histórica apaga-se da atualidade de um esporte como esse na cidade? Porque esse histórico do basquetebol não tem visibilidade e importância na cultura esportiva atual? Como um passado com uma influência tão grande do esporte pôde se transformar num quadro de apagamento quase completo dessa cultura na cidade?

O ethos esportivo reconfigura a cidade do Rio Grande

Para entendermos a expansão do basquetebol nos clubes que iniciaram com a prática do remo e do “futebol de salão” e, posteriormente, foram a prática do basquete é preciso entender a história da cidade do Rio Grande, que conta com uma formação de luta e resistência, em detrimento do crescimento industrial, alavancado por grandes indústrias, pela criação da primeira refinaria de petróleo do país e, conseqüentemente, suas lutas feitas pelos movimentos sindicais e trabalhistas.

Essa tradição de luta e resistência, construída no início da sua história e reafirmada nas lutas desenvolvidas pelos trabalhadores na primeira metade do século XX, até a primeira metade da década de 60, foi interrompida com o golpe militar de 1964, que perseguiu e baniou os seus opositores e desarticulou, como podemos hoje perceber, a memória da cidade. Rio Grande foi transformada em Área de Segurança Nacional. A cidade, bem como o país inteiro, sofreu um processo de “apagamento” de sua memória.

Assim, como na esfera política e econômica, na social também foram sentidos os efeitos dessa mudança. Rio Grande, berço do basquetebol no Rio Grande do Sul; cenário das grandes corridas de rua, das provas de remo e natação, dos clubes de futebol, do “futebol de salão”, do vôlei e do handebol e suas grandes disputas que lotavam os estádios e os ginásios; dos grandes cinemas e teatros; berço de grandes artistas; terra do clube de futebol⁴ mais antigo do Brasil. Rio Grande vive hoje um “esvaziamento cultural” que causa perplexidade aos que conhecem sua história e percebem a importância dada a algumas atividades esportivas e suas emergências pioneiras no estado.

Ex-atletas trazem em seus depoimentos a importância histórica que o esporte teve para cidade: Melik Curi (2009), bicampeão estadual pelo Clube Regatas, descreve, “Podiam estar os nossos filhos aí participando, jogando, hoje tu tem esporte em Rio Grande? Com o futebol de salão aconteceu a mesma coisa, porque o Ipiranga parou, as disputas aí pararam! Não tem mais vôlei em Rio Grande!”. Outro entrevistado, Lawson (2009) afirma:

“É, é ter locais disponíveis pra praticar esporte. Não tem. Vai trabalhar, [...] aqui o problema ainda é mais eu acho que a gente tem um defeito muito grande em Rio Grande, a gente é muito crítico e muito exigente. Não sei se porque historicamente nós já fomos muito bons em muita coisa, e aí tu fica copiando resultado e copiando, às vezes os cara [...] não querem começar um trabalho de longo prazo, os cara querem fazer um time pra ganhar amanhã. Mas não é assim, tem que começar a plantar pra colher, isso é uma cabeça que tem que começar a trabalhar, tem que começar a motivar [...] primeiro tem que criar uma motivação social pro esporte, ninguém faz isso sozinho, tu pode

⁴ Sport Clube Rio Grande (S.C.R.G). Para mais, ver: RIGO, Luiz Carlos. Memórias de um Futebol de Fronteira. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.

fazer, tu podes fazer aquela do beija-flor apagando o fogo da floresta, tu faz a tua parte, mas tu faz a tua parte!”

A oralidade como instrumento para a construção da memória esportiva

Essa pesquisa utilizou os pressupostos teórico-metodológicos da história oral⁵, bem como de memória, depoimentos orais, fontes imagéticas e documentais.

O processo de rememoração trás a tona sentimentos e associações com significações e re-significações para o momento presente de maneiras diferentes sempre que é acionado. Esse processo nos leva a possibilidades de relacionar fatos passados com fatos presentes e futuros.

Através da memória somos capazes de destruir a relação dicotômica entre, ação e imaginação, corpo e mente. Através do ato de rememorar criamos, unificamos sentimentos (correlações de momentos passados) e ações presentes, dando vida a imaginação e um novo significado para aquela imagem/sensação do passado. Um de nossos entrevistados, relembra esses sentimentos:

“As mesmas piadas, o mesmo tipo de brinquedo. Aí tu diz: pô véio tu ta com sessenta e três, sessenta e dois pra sessenta e três e tais jogando normalmente! Sim, eu vou jogar a minha vida inteira! Não to, não to fazendo esforço nenhum! Eu to tendo o prazer de jogar. Claro eu não gosto quando um colega meu vai e me da uma porrada [...]? Porque aí é difícil né tchê? Eu to ali pra fazer, pra lazer! Eu não to dizendo que eu não vou pra ganhar, eu vou pra ganhar, mas eu vou pra lazer! Chega lá começo a me incomodar com “a”, com “b”, com “c” com outro qualquer, cara que vai de mau humor pra dentro da quadra, eu vou ali pra brincar contigo, pra brincar com outro, pra confraternizar, pra passar alguma coisa, receber alguma coisa, porque hoje os guri também tem coisa pra oferecer pra gente! Tem um posicionamento, uma postura, alguma coisa que, que sempre queira ou não queira é um feedback, existe uma troca, existe um comprometimento dentro de uma da quadra, das pessoas que gostam de jogar basquete, que são, que praticam o esporte basquete! Eu posso ir ali, jogar uma pelada em vinte que eu to contente, ta bom pra mim, to convivendo infelizmente a herança que nós, que nós não podemos deixar, por razões que eu desconheço, o pessoal não tem continuidade, e hoje Rio Grande não tem basquete, não tem futebol de salão, não tem vôlei”. (CURI, 2009).

Dessa forma tanto a memória nos seus espectros mais variados (memória individual, coletiva, histórica...), quanto a história oral podem se constituir em elementos de uma ciência revolucionária no sentido de que validam o empirismo, a subjetividade, o indivíduo, em detrimento ao sentido causal direto (causa/efeito previsto) pretendido em outros jeitos de se desfrutar a ciência. A memória rompe com a certeza das ciências “duras” e, portanto, também é vista com desconfiança.

⁵ Para mais, ver: FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos & abusos da história oral. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

Essa ruptura com a exatidão da previsão social descrita por teóricos (das ciências ditas exatas) começa a questionar como se dá a definição do que é e do que não é ser “sujeito”, os discursos aceitos e os não aceitos, as formas de expressão possíveis, o controle esconde e revela apenas o perfil “necessário para a proteção” da sociedade, o discurso hegemônico constrói dessa forma o que o discurso comum repete afirmando sob forma de memória coletiva, as referências hegemônicas.

Os fatos que lembramos têm correlações não apenas com aquilo que experimentamos enquanto atores, mas também com a sociedade onde se insere, ou seja, ao visitar um local estou em companhia de um livro que li sobre ele, ou sobre o mapa daquele local, ou sobre sua história, enfim muitas outras pessoas deixaram um legado de lembranças que indiretamente incidem sobre mim enquanto ator dessa visita ou enquanto lembrador dela num outro momento. Sendo assim, não necessariamente preciso de companheiros materiais e sensíveis para formar uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006.). Por estar presente sem “estar presente” ela tem múltiplas utilizações e múltiplas formas de se manifestar tanto coletiva, quanto individualmente. Halbwachs (2006, p.32) demonstra que:

Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança. É comum que imagens desse tipo, impostas pelo meio em que vivemos, modifiquem a impressão que guardamos de um fato antigo, de uma pessoa outrora conhecida.

A noção de coletividade, se refere a um encontro de interesses comuns, propositais de um certo número de pessoas e, que pode ter fim a partir do momento em que essas pessoas comecem a ter outros interesses em outros conhecimentos dispensáveis ao primeiro grupo. Podemos afirmar que, as experiências individuais (alternâncias de interesses e, junto a isso, alternância de grupos) têm grande relevância no processo de lembrar coletivo, pois, elenca prioridades nesse ato que constituem outras versões de um mesmo fato apesar de vinculado a uma mesma realidade.

Apesar de como coletivo de pessoas todos esses terem interesses comuns, muitas vezes a memória dos outros atores ou espectadores demonstra, pelo próprio ato de lembrar, outros enfoques, interesses, aspectos que são de fundamental importância para ficarem registrados os fatos vivenciados em dado momento por aquele coletivo de pessoas. Assim sendo, montar um acervo de memória dentro de um dado período histórico exige vários pontos de vista, ou dos fatos demarcados nesse período. Um grupo que tenha uma identificação coletiva interna, ou seja, tenha interesses relativos aos atos geridos pelo grupo, identificando os elementos formados pela relação desse, tem fim quando esse mesmo grupo se afasta por qualquer motivo. Por via de recordações desses atores, toda a história desse coletivo pode parecer distante a um membro do grupo que estivesse menos integrado, ou mesmo a um deles que estivesse interessado em uma parte mais específica e individual dos objetivos coletivos, Curi (2009), descreve: “o Lawson pra mim ainda tem características [...] é um baita armador [...] é o mais completo de todos. Ele joga em baixo, em cima e joga na hora que tem que jogar! E joga até hoje! Então pra mim ele é o melhor jogador”.

Para Foucault a idéia de experiência remete a uma outra noção dos processos de formação dos sujeitos mais do que pelo âmbito social de construção desses, que estaria unicamente ligado a idéias hegemonicamente aceitas e a instituições de poder social. Este autor sugere que o sujeito também se constitui pela apropriação dos discursos que, muitas vezes, são experimentados de maneiras únicas por cada um, dando traços ímpares de vivência de uma cultura social única (RAGO, 2002).

Falar da infância, do obscuro, do rasteiro é falar de experiências enquanto possibilidade de vivência individual, e por isso subjetiva, em um processo coletivo de escolha entre possibilidades de cada sujeito. Rememorar, relembrar aquilo que foi marcante positiva ou negativamente, trazer sentimentos esquecidos à tona, chorar de novo, gargalhar de novo, sentir tensão, medo, é um processo seletivo e ao mesmo tempo formador dos sujeitos (SILVEIRA, 2007).

A formação subjetiva deve ser valorizada, em primeiro lugar, como experiência de um coletivo de pessoas que vivenciaram experiências marcantes porque é um grupo e, em segundo lugar uma experiência pessoal e formadora de um sentido próprio dentro de um grupo⁶.

Uma contribuição histórica para a compreensão dos processos do esporte

Para uma compreensão do esporte, que foi referência na cidade durante algumas décadas e formador de subjetividades, será necessário um panorama geral da inserção da esportivização das atividades e condutas em termos mundiais. Para tanto, faremos uma análise mais precisa do esporte moderno. O fenômeno da prática esportiva precisa ser compreendido na medida em que possa trazer contribuições às discussões sobre um grupo específico de pessoas e suas relações com o basquetebol no caso desse estudo.

Partindo dessa perspectiva esperamos que esse estudo traga múltiplos significados ao esporte. O sentido desse esporte se processará nas memórias das pessoas que fizeram parte da realidade estudada. Contudo são necessários alguns elementos históricos que, num dado momento, criaram condições para que o esporte se configurasse, enquanto fenômeno social mundial. Não podemos negligenciar a historicidade presente entre o fenômeno esporte mundial/local.

O surgimento do esporte moderno é bem descrito por Elias e Dunning em seu livro *A busca da excitação* (1992), que destaca a emergência do esporte como uma forma de distração da nobreza da Inglaterra, que disputava a caça a raposa com elementos muito parecidos aos praticados no esporte. As regras buscavam cada vez mais garantir altos níveis de tensão na disputa e a integridade física dos envolvidos. Para garantir que sempre houvesse raposas para esta prática, era proibida a caça delas em toda a Inglaterra que não fosse durante o jogo. Mas, essa forma de prazer, se restringia a nobreza.

Essa busca por prazer, por meio da organização e do acordo de regras pré-estabelecidas, mais tarde é passada a outras atividades, que hoje nomeamos de esportes. Essas atividades, em princípio, ficam restritas às escolas mantidas por nobres ingleses para seus filhos desordeiros. Os esportes eram uma forma de educar moralmente os

⁶ Pensando o basquetebol, podemos categorizar que ele possui regras universais que permitem a Rio Grande, por exemplo, jogar o mesmo jogo que se joga na China. Contudo, conhecendo as formas “inventadas” por ambos, reconheceríamos distintas maneiras de compreensão do que é basquetebol em cada um dos locais. O esporte moderno está vinculado a essa característica marcante e, que pode ser distinguida como enriquecedora enquanto processo de experimentação. Para mais, ver: STIGGER, Marco Paulo. Educação Física, esporte e diversidade. Autores Associados. Campinas SP, 2005. – (Coleção Educação física e esportes).

jovens ricos e impetuosos que deviam seguir as regras do jogo. Logo essas práticas atingem outras classes sociais, e se tornam o passatempo dos trabalhadores em geral.

As práticas esportivizadas começam a ser utilizadas como maneira de controle do tempo disponível dos trabalhadores. Assim, enquanto jogavam estariam deixando de pensar sobre direitos trabalhistas, salários e conjunturas desfavoráveis aos seus empregadores. A industrialização dos processos de produção e do tempo livre da mão de obra surge na Inglaterra e se espalha para o mundo, ou seja, a maneira de organização do tempo livre se dá em detrimento à forma de organização do trabalho.

Durante parte do século XVIII e ao longo de todo o século XIX as atividades de lazer na Inglaterra e na Europa, de forma geral, ganham características do esporte moderno, são elas: “regras escritas; sanções intrajogo bem definidas; presença de árbitros para conduzir as disputas; órgão centralizador de elaboração e fiscalização de regras”. (STAREPRAVO; NUNES, s/d, p. 3).

Nesse período o refinamento da sensibilidade se transforma em conduta aceitável e carrega consigo a formação de um novo termo para atender a essa nova demanda social. A palavra *civilidade*⁷ surge nesse mesmo período histórico onde as condutas violentas passaram a não mais ser aceitas. “Durante muito tempo o termo desporto foi utilizado como maneira de descrever atividades recreativas específicas onde o desempenho físico era o fator principal com regras para manter a violência sob controle” (STAREPRAVO; NUNES, s/d, p. 3).

O esporte acompanha esse processo. É visível o aumento da intolerância a comportamentos violentos quando comparamos as formas mais rústicas de jogos com bola da idade média ao rúgbi e ao futebol do século XIX. Da mesma forma, se analisarmos as primeiras manifestações do boxe, que não era desprovido de regras, mas não usava luvas e não era negado o direito de usar as pernas durante as lutas, fica mais claro o aumento da sensibilidade à violência quando se proíbe o uso de pernas durante o combate e acrescentam-se luvas acolchoadas para diminuir os danos causados ao adversário.

As competições de jogos na Antiguidade eram menos <<rudes>> e menos selvagens? Seriam, como as nossas, relativamente contidas e representativas de uma sensibilidade elevada, oposta ao alegre provocar de ferimentos graves nos outros, para deleite dos espectadores? Ou a tendência para apresentar o movimento dos desportos modernos como uma restauração de um movimento similar na Antiguidade é uma dessas benévolas lendas ideológicas, utilizadas inocentemente como um meio para fortalecer a unidade de um movimento que está repleto de tensões e tendências conflituosas, e para realçar o seu encanto e prestígio? Nesse caso, não seria talvez preferível examinar, de modo realista, as condições específicas que contribuíram para a gênese e ascensão do movimento dos desportos do nosso tempo, enfrentar o facto de que competições de jogos do tipo que nós chamamos <<desporto>>, tal como os Estados-nações industriais onde surgiram, possuem certas características únicas que os distinguem dos outros tipos, e iniciar assim a difícil tarefa de investigá-los e

⁷ Para mais, ver: ELIAS, Norbert. O processo civilizador. vol. 2. Ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1992.

de explicar a natureza destas características distintivas? (ELIAS; DUNNING, 1992, p.194-195).

Rio Grande por muitos anos foi conhecida por seu estilo de jogo agressivo resultando em violência. Essa violência não era fruto apenas dos atletas, mas também da torcida. Esse estudo pretendeu utilizar mais propriamente o caso do time de basquete masculino de 1973,

“O jeito rio grandino de jogar basquete. Pô isso eu até contei. Ah isso aí faz parte! O massagista sair do banco correndo e atacar o cara que vai fazer a bandeja! [risos]. Vai decidir o jogo! Marcar o cara! Botar a bola fora! É Rio Grande ficou com uma fama de violência aí, de agressão né? [...] Isso aí não, isso aí marcou negativamente entendesse? Isso aí”. (LAWSON, 2009).

O processo de esportivização das atividades corresponde às mudanças graduais na sociedade e não pode ser analisado separadamente. Durante o século XIX fica evidente quando analisamos os ciclos de violência que se abrandam, os conflitos de interesse passam a ser resolvidos de forma diferenciada permitindo acordos com regras estabelecidas por ambas às partes⁸.

Com o passar do tempo e a evolução das regras de conduta ancoradas na sensibilidade e na não violência, o monopólio do controle e do uso desta ficou restrita ao Estado, que de forma gradual através das forças armadas, mostrou-se presente no convívio social das pessoas.

O basquetebol na cidade do Rio Grande

O resgate histórico numa pesquisa acadêmica torna-se relevante quando através da oralidade e da memória escutamos as estórias⁹ da cidade contada pelos próprios atores dela. Assim, o basquetebol enquanto parte integrante dessa estória é objeto de linguagem própria de seus atores, de infinitos mundos vividos por eles enquanto praticantes. Longe do discurso da ascensão social¹⁰ ou de qualquer outro tipo, esse basquetebol ganhou contornos próprios, com outros significados para essas pessoas. Eduardo Lawson, ex-atleta, campeão estadual, brasileiro e mundial universitário e

⁸ Quando Rio Grande passa por seu processo de industrialização (fins do século XIX início do século XX), a cidade demonstra grande capacidade de aderir a esse novo tipo de conduta. Fica sendo conhecida por cidade vermelha, organiza-se em sindicatos de trabalhadores das grandes indústrias que por aqui se instalavam à época. A intenção era a diminuição da exploração sofrida pelos trabalhadores, dessa forma, a excitação/tensão das disputas era contida, a violência física era de uso exclusivo das três esferas de governo, apesar de receber resposta quando usufruída.

⁹ Opta-se por usar essa nomenclatura tendo em vista a questão da narrativa, do conto, das fábulas que esse termo carrega, também considera-se a possibilidade de se trabalhar uma palavra/definição que escapa a classificação tradicional da língua portuguesa, da norma culta e parte para a linguagem coloquial, bastante presente também nos discursos desses ex-jogadores de basquetebol ao descrever o esporte e suas significações.

¹⁰ Como o basquetebol chegou ao estado através do Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G), no princípio apenas quem pudesse pagar poderia ter acesso a essa prática, portanto, a ascensão social associada ao desporto vira realidade apenas mais tarde quando há a disseminação dos esportes entre as camadas mais populares da sociedade e quando os clubes da cidade perdem o controle sobre essas práticas. Em Rio Grande existe a hipótese dessa disseminação estar vinculada a criação de clubes de operários das fábricas que aqui se instalaram acessando, dessa forma, os esportes de forma geral.

campeão estadual pelo Ipiranga Atlético Clube de Rio Grande, descreve um pouco da história do basquete na cidade.

“[...] quando se refere a Rio Grande eu sempre dou o exemplo de quando eu era guri meu pai me levou pra ver um jogo de basquete, Regatas e Honório Bicalho, lá no Honório Bicalho. Não vou dizer que eu tinha seis anos, porque eu vou dizer que 60 anos atrás, mas 55 certamente é [...] porque eu tinha uns dez anos de idade mais ou menos, calculo eu ta?! E tinham três times de basquete em Rio Grande, Honório Bicalho, Barroso e Regatas. Então, 60 anos atrás, arredondando, teve três times de basquete em Rio Grande [...] sem ser saudosista, hoje não tem nenhum, então, os cara evoluiu, não, não evoluiu! Hoje não tem nenhum aqui, não tem nenhum em Santa Maria, não tem nenhum, Santa Cruz tem um que ta meia boca, tinham dois fortíssimos, tinha time forte em Livramento, tinha time forte em Cachoeira, também tinha time forte, São Leopoldo né? Então, cadê os time forte? Não tem mais, acabou! É uma coisa que tem que se repensar o porquê” (LAWSON, 2009).

Para detalhar a importância do basquetebol na cidade do Rio Grande podemos citar alguns títulos e vitórias desse esporte. Primeiramente através do Clube de Regatas Rio Grande (C.R.R.G) que consagrou-se Campeão Estadual de Basquete Adulto em 1967 e 1973, e vice-campeão de 1968 a 1972. Na categoria juvenil, conquistou o vice campeonato estadual de 1968 e 1971.



Placa no Clube Regatas (Foto cedida pelo site papareia).

Segundo fontes históricas¹¹ o basquetebol na cidade do Rio Grande surgiu em 1921 no Clube citado acima. A prática sistemática do basquete foi introduzida em Rio Grande/RS pelo Clube de Regatas, por Ricardo Rist Garcia, rio-grandino que ocupava na ocasião a presidência do clube. Ele trouxe dos EUA os regulamentos e os equipamentos necessários, como bolas, tabelas e outros, que possibilitaram a um grupo de jogadores aprendizes a prática desse esporte. Em 10 de abril de 1921, esse grupo de

¹¹ Reportagem: Cidade de Rio Grande introdutora do Basket-Ball no Estado. Extraído do jornal Rio Grande, 17/7/1962.

jogadores proporcionou um primeiro jogo-instrução numa área baldia, próximo à Estação Marítima (zona do Porto Velho de Rio Grande). O esporte era praticado ao ar livre, pois não havia uma quadra coberta. O Regatas só foi ter sua quadra com cobertura na década de 1950¹².

Lawson (2009), lembra a chegada do esporte na cidade,

“Mas o basquete em Rio Grande tchê! Tinha uma placa lá no ginásio, [...] dizem que o basquete no Rio Grande do Sul entrou pela ACM [Associação Cristã de Moços] em POA, mas que aqui em Rio Grande foi o primeiro ginásio construído, foi aqui em Rio Grande o ginásio do Regatas. Tinha uma placa lá no ginásio do Regatas quando começou, eu tenho uma foto dessa placa! Agora eu não me lembro bem onde é que ela tá, mas eu tenho aí [...] eu levei essa placa pra uma entrevista numa Festa do Mar e eu tirei uma foto com o Riomar, encontrei com ele lá no porto tiramos uma foto com a placa e eu tenho essa foto aí, não sei se ainda ela tá aqui e existe ainda dizendo da fundação do basquete do Regatas tem o ano, e certamente é um dos mais antigos do Rio Grande do Sul. Porque tudo começou por aqui né? Por causa do porto, a influência do porto e da cultura que nós recebemos aqui”.

O Regatas é o clube mais antigo no interior do Estado. Nos primeiros anos as atividades desse clube estiveram concentradas em torno do remo e da natação, e em função das mudanças sociais posteriormente ampliou as suas práticas para atividades como water-pólo, saltos ornamentais e basquetebol (1921). Podemos ainda citar a criação do departamento feminino (1933), voleibol (1951), atletismo, tênis (1950) (GAUTÉRIO, 2000).



Equipe Feminina de Basquetebol do Regatas, 1959. (Foto cedida pelo site papareia)

¹² Informações cedidas pelo jornalista Willy César, pesquisador da história da cidade do Rio Grande, escreveu um livro sobre o centenário da Escola Lemos Júnior e, atualmente, escreve sobre o centenário do Sport Club São Paulo (Clube de Futebol).

O Clube Regatas sediou o Campeonato Regional de Basquete em 18 de março de 1931, bem como manteve em seus próprios atletas na Seleção Brasileira Campeã do XXI Campeonato Sul-Americano Masculino de Basquete (Eduardo Lawson de 2 a 12 de dezembro de 1966). Depois do Clube Regatas os próximos clubes a organizarem seus quadros de basquetebol foram o Clube Náutico Almirante Barroso e o Sport Club General Osório (GAUTÉRIO, 2000).

Outro clube que merece destaque nesse estudo é o Ipiranga Atlético Clube que obteve o título de Campeão Estadual Juvenil de Basquete em 1974 e de Campeão Estadual Adulto de Basquete em 1976. Bem como organizou um Torneio de Basquete entre as equipes Fuad Salomão(Regatas), Vicente Gautério (IAC) e Praxedes (Barroso)¹³.

Em comemoração aos 25 anos da Refinaria de Petróleo Ipiranga e da inauguração do Ginásio da Sede do Ipiranga Atlético Clube, este clube sediou e patrocinou o Campeonato Brasileiro Juvenil de Seleções Masculinas de Basquetebol de 21 a 30 de julho de 1962 (Jornal Rio Grande, 18 de julho de 1962, p.7).



(Jornal Rio Grande, 18 de julho de 1962, p.7).

É conveniente salientar a necessidade de uma pesquisa mais detalhada sobre os clubes¹⁴ que construíram a história oficial do basquetebol na cidade, bem como, utilizar registros históricos desses locais e a oralidade dos presidentes, organizadores e jogadores dessa época. É importante também ressaltar que existe uma diferença significativa entre os títulos e seus clubes, mas que podemos considerar de suma importância haja vista o estágio atual do desporto na cidade.

¹³ Dados extraídos da Agenda Desportiva cidade do Rio Grande, 2000.

¹⁴ Existem diversos estudos sobre os clubes da cidade, para mais, ver: GAUTÉRIO, Marta Soares. A cidade, as águas e as práticas esportivas: a história do Clube Regatas Rio Grande (1897-1999). Trabalho de Conclusão do Curso de História/FURG, 2000. E LEMOS, Juliana Boeira. As interfaces do basquetebol veterano masculino do Clube Regatas Rio Grande-RS. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física/URCAMP, 2006.

Memórias do Basquetebol na cidade do Rio Grande

Um dos desafios do trabalho com a história oral é a validação que os depoimentos trazem como contribuição para a constituição de uma estória. Assim sendo, não é o método de coleta (depoimentos orais) que irá fornecer essa validade, e sim o tratamento que estas informações irão receber, do ponto de vista teórico-metodológico. Não buscamos a realidade/verdade universal através da história oral, e sim a história que se apresentar através dela, numa versão peculiar,

“Eu não vou me divertir, exatamente! Como é lazer pra mim hoje tudo que eu tinha que provar dentro de uma quadra em termos de campeonato, em termos de competição. E só me restou amizade tchê! Não tenho um desafeto dentro da quadra, mesmo o pessoal da Ipiranga que a gente foi adversário, muito emprego pra gente da Ipiranga, eu no porto quando trabalhei, consegui! Não tenho, não tenho nada que eu me arrependa de não ter feito em termos de amizade, como adversários sempre respeitávamos, até uma briga, até soco o cara dava um no outro, mas limitado dentro de quadra! Fora de quadra, tem amizade com todos eles. Então eu acho que assim o basquete, ele é uma forma muito boa de a gente aprender educação, lidar em grupo, aprender a não usar droga, aprender o corpo, uma educação do corpo, posturas, respiração, eu aprendi a respirar com o basquete [...]” (Curi, 2009).

A história oral pode ser bem descrita pela simples frase: “uma história vista de baixo” (SIMSON, 1997, p. 207). Essa metodologia não pretende a verdade como uma coisa fixa e que deve ser acessada com intuito de desvendar os mistérios do mundo, e sim, como outra versão que está sendo colocada, ou seja, busca sim “[...] outros sentidos e significados para a história” (SIMSON, 1997, p. 208). Para tanto, como as outras histórias, a história oral deve receber o tratamento metodológico adequado para assim nos beneficiarmos de mais uma proposição teórica, acerca de visões diferentes dos fatos.

O principal obstáculo presente para a significação da história oral está em encararmos os acontecimentos de forma a descrever de antemão o objetivo a ser alcançado ao contarmos uma história¹⁵, dessa forma se evidencia que o uso dos fatos na história oral não serve à “história verdadeira” já que tem outras funções em termos de (processos subjetivos) grupos ou pessoas não marcantes para a história.

Prosseguir nesse processo de construção da memória do basquetebol na cidade do Rio Grande implica também em selecionar os fatos através de dirigentes esportivos da época, em perceber a influência dos clubes e como se processavam dentro deles a participação das pessoas em determinados esportes, em analisar a destruição e abandono desses clubes na atualidade e também em pensar e discutir porque a grande maioria desses atletas continuam jogando basquetebol em seleções de veteranos.

¹⁵ Esse estudo trabalhou na perspectiva de construção da memória do basquetebol na cidade a partir do tratamento do acervo dado pela produção de depoimentos que foram realizados com ex-jogadores de basquetebol. Para mais, ver: ALBERTI, Verena. **História Oral: A experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

Alguns desses depoimentos orais trazem à tona a paixão pelo esporte, a influência que esse esporte trouxe ao mercado de trabalho desses atletas, a experimentação deles enquanto dirigentes de políticas esportivas ou professores de escolinhas, a idéia de que o esporte exclui a droga e de que a cidade do Rio Grande foi pioneira em diversos eventos esportivos em virtude de sua localização marítima. Viver dessa história ainda faz parte desses atletas e mostra que se dermos a devida atenção a essas lembranças poderemos quem sabe traçar um outro mapa esportivo-cultural para a cidade.

Referências

- ALBERTI, Verena. História Oral: A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA BANCO DO BRASIL. Cidade do Rio Grande. Agenda Desportiva. Rio Grande - RS, 2000.
- CURI, Melik Emiliano Castanheira. Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquete na cidade do Rio Grande. Rio Grande- RS, 09/02/2009.
- ELIAS, Norbert. O processo civilizador. vol. 2. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. A Busca da Excitação. Coleção Memória e Sociedade. Editora DIFEL, 1992.
- FERREIRA, Marieta; AMADO, Janaína (Orgs.). Usos & abusos da história oral. 6 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- FOTOS SOBRE O BASQUETEBOL NA CIDADE DO RIO GRANDE. Disponível em: <<http://www.guaipeca.blogger.com.br/>>. Acesso em: setembro de 2008.
- GAUTÉRIO, Marta Soares. A cidade, as águas e as práticas esportivas: a história do Clube Regatas Rio Grande (1897-1999). Trabalho de Conclusão do Curso de História/FURG, 2000.
- GUATTARI, Félix. Linguagem, consciência e sociedade. Saúde e Loucura. São Paulo: Hucitec, nº 2, 1993.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- JORNAL RIO GRANDE. Cidade do Rio Grande introdutora do Basket-Ball no Estado. Jornal Rio Grande. Rio Grande-RS, nº 176, p.7. 17/07/1962.
- JORNAL RIO GRANDE. Rio Grande por uma semana será a capital nacional do Basquete Juvenil. Jornal Rio Grande. Rio Grande-RS, nº 177, p.7. 18/07/1962.
- LAWSON, Eduardo Arthur. Entrevista concedida a Mateus Trevisan França sobre a memória do basquete na cidade do Rio Grande. Rio Grande, 20/01/2009.
- LE MOS, Juliana Boeira. As interfaces do basquetebol veterano masculino do Clube Regatas Rio Grande-RS. Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física/URCAMP, 2006.
- MARCON, Telmo. Fontes orais e escritas: algumas reflexões. Cadernos do CEOM. Chapecó, n. 12, p. 25-44, 2000.
- MEIHY, Bom Sebe José Carlos. Manual de História Oral. 4 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- RAGO, Margareth. Libertar a história In: RAGO, Margareth, ORLANDI, Luiz B. Lacerda, VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- RIGO, Luiz Carlos. Memórias de um Futebol de Fronteira. Pelotas: Editora da UFPel, 2004.

SILVEIRA, Viviane Teixeira. Produzindo narrativas (en)gendrando currículo: subjetivação de professoras e a invenção da ESEF/Pelotas-RS. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPR. Curitiba: 2008.

SIMSON, Olga (Org). Os desafios contemporâneos da História Oral. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

STAREPRAVO, Fernando Augusto e NUNES Ricardo Sonoda. Surgimento do Esporte Moderno e do Processo Civilizador. (Mimeo).

STIGGER, Marco Paulo. Educação Física, esporte e diversidade. Autores Associados. Campinas SP, 2005. Coleção Educação física e esportes.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: Questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. n.15, p. 51-71, abr/1997.

Rua Jandir Garcia 560, Cassino, Rio Grande-RS, CEP: 96206-400

tatisilve@hotmail.com

Recurso: data show